

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 219 — Domingo, 18 de Agosto de 1957

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex.ª deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

CONDICIONALISMO DA PROPRIEDADE

NÃO constitui segredo para ninguém que o Alentejo, principalmente o Baixo Alentejo, é a região do País onde a propriedade da terra está nas mãos de menor número de indivíduos; isto é: onde cada proprietário dispõe de maior quantidade de terreno.

Do mesmo modo, todos nós sabemos que o Alentejo é a região do País onde há maior número de habitantes pobres.

Se quisermos entrar em termos de comparação, podemos afirmar que o norte está muito mais evoluído e dispõe de um maior rendimento colectivo e até de uma população mais numerosa e operante.

Não podemos pôr de parte a circunstância da industrialização do País ter no norte o seu centro principal, enquanto no Alentejo é a agricultura que predomina.

Estas realidades podem ser tomadas como ponto de partida para

um estudo dos valores em causa.

Não devemos desprezar, nestes termos de comparação, a região minhota, onde a propriedade se subdividiu de tal modo que

FOR
JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

poucos são os que não vivem da sua courela. É certo que a agricultura do Minho não tem as características da do Alentejo.

Dados os tópicos, aprofundemos a questão: Que mais convirá ao desenvolvimento e prosperidade do País: a grande ou a pequena propriedade? E podemos pôr ainda estoura questão: deverá a indústria concentrar-se predominantemente numa região? Ou ainda outra: indústria e agricultura são incompatíveis, mercê da concorrência que fazem à mão-de-obra?

Tratemos, agora, de per si, cada uma destas questões:

A pequena propriedade agrícola não tem nos países desenvolvidos grandes possibilidades de subsistência e só pode perdurar como fonte de rendimento quando agrupada para a defesa dos interesses comuns. Entre nós encontra ainda, porém, viabilidade de existência, graças à nossa estruturação económica e ao feudalismo da nossa economia, que a exiguidade territorial do País facilita. De resto, a agricultura, sem grandes ambições, limita-se a cumprir a sua missão de abastecedora do mercado interno e quase nada faz para a melhoria de qualidade e quantidade desse abastecimento. Tal condicionalismo, entretanto, não lhe pode permitir uma vida desafogada e dia a dia assiste, impotente, ao escoamento para as fábricas da mão-de-obra, que dantes tinha largamente à sua disposição. No Minho e nos distritos de Leiria, Coimbra, Aveiro e Viseu, a situação encontra as suas atenuantes na pequenez da propriedade, que permite que a mesma mão-de-obra se subdivida por ambas as actividades: a agrícola e a industrial.

No Alentejo, só a escassez da indústria e a pobreza do povo, que dificulta a emigração para outras terras, consegue manter a existência da mão-de-obra.

A pobreza, no entanto, nada constrói e essa é uma das razões porque o Alentejo se apresenta tão desprezado aos olhos do visitante. Para existir progresso visível há que prevalecer uma classe média que, no Alentejo, apenas tem expressão nas cidades e vilas mais importantes, onde o funcionalismo e o empregado comercial a representam.

A industrialização do Alentejo — possível, se harmonizarmos a sua produção agrícola com o fa-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ATRAVÉS DO ALGARVE

“BARLAVENTO”



Dr. Luís Santos

TROUXE-ME este Verão inclementemente um livro novo com um título singelo — «Barlavento».

É da pena do dr. Luís Santos, um algarvio que vive entre as belezas de Sintra sem se esquecer das belezas do seu Algarve.

Iniciei a sua leitura com tristeza e terminei-a com alegria, tangendo as duas cordas extremas do meu violino interior.

Mal abri o livro, o fantasma adormecido da saudade apoderou-se no meu espírito e cravou nele as suas garras de felino... Passaram mais de 50 anos que o meu sobrinho Lúcio me falava do seu condiscípulo Luís Santos e outros estudantes do Liceu de Faro, colegas e amigos.

Quase todos morreram, e ele também marchou na voragem de 1918, nesse mesmo Outubro em que o poeta João Lúcio, seu padrinho, foi vítima da terrível epidemia.

Lúcio Lopes, terminados os preparatórios, entrou na Escola do Exército, falecendo no posto de tenente ao regressar das campanhas de África, onde se bateu sob o comando do general Pereira de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

BREVÍSSIMO

rescaldo da palha...

O nosso colega local resolveu fazer fogueira com a insípida prosa do seu correspondente A. S., adicionando-lhe estranhas divagações e dando à estampa, num dos últimos números, os respectivos fumos...

A propósito dessa fumaramada, acre e confusa, devemos uma explicação ao leitor: Nunca este jornal perdeu tempo (isto é, gastou cera...) em polémicas inúteis e estériles. Agora seria demastado tarde para quebrar essa regra — e, para mais, em nível barato.

O que consideramos ridículo é que um qualquer sr. A. S. (muito vago e muito anónimo...), asneando em letra de forma, se alargue em insinuações tolas sobre uma notícia publicada neste semanário, inclusive sugerindo a sua falta de veracidade. Daí o nosso comentário. Ver nele qualquer desejo de chercher querelle, é pura manifestação de miopia. E isso é lamentável.

Como é lamentável, ainda, que o almanaque que abastece de erudição o latinista do nosso confrade local, não o abasteça, também, de boas maneiras.

Não seremos nós, portanto, e seja a que pretexto for, quem volta a mexer na... palha.

REDES DE NYLON

TÊM sido pouco divulgados pela imprensa os resultados obtidos com o emprego do nylon na confecção das redes de pesca; no entanto, estes resulta-

dos são de interesse, não só para os profissionais, como para o público que a estes assuntos dá a sua atenção.

As fibras vegetais que têm sido utilizadas, desde sempre, para a confecção das redes têm preço pouco elevado, mas em contrapartida, apresentam sérios inconvenientes. A fibra vegetal é, sem dúvida, permeável à água e as redes preparadas com estas fibras tornam-se consideravelmente mais pesadas com a imersão; acresce que são pouco resistentes ao uso, pois são rapidamente destruídas pelas bactérias e sujeitas à decomposição pelo contacto com a água. Para aumentar a duração nestas redes vulgares, procede-se vulgarmente à tanaagem, processo este que está longe de assegurar uma protecção eficaz contra a corrosão, além de as tornar menos manuseáveis. O emprego das redes de nylon está a generalizar-se cada vez mais nos países em que a indústria de pesca está particularmente desenvolvida, contribuindo grandemente para a modernização do material de pesca. As propriedades que estes fios de nylon apresentam conferem às redes qualidades insuperáveis.

O preço é, sem dúvida, um pouco mais elevado, mas, não só os técnicos co-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



As recordações do Panamá inspiraram-lhe essa vida romanceada de Sir Henry Morgan, o célebre pirata a quem o rei Carlos II deu título de nobreza. O texto do romance, publicado em 1929, é o sexto de uma série de rascunhos; e, além disso, não é o primeiro romance de Steinbeck. Dos três anteriores, um fora re-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

UMA CARTA DE PORTIMÃO

DO sr. Salvador Gomes Vilarrinho, ilustre presidente da Câmara Municipal de Portimão, recebemos um amável ofício em que, a propósito da carta, que publicamos, do sr. Manuel Ojeda Martin, sobre presuníveis dificuldades na concessão de licenças para novas construções na Praia da Rocha, nos é dada a informação que transcrevemos seguidamente:

«Permita V. Ex.ª que venha trazer mais um esclarecimento a respeito da carta do Ex.º Sr. Manuel Ojeda Martin, publicada no n.º 215 do «Noticias do Algarve».

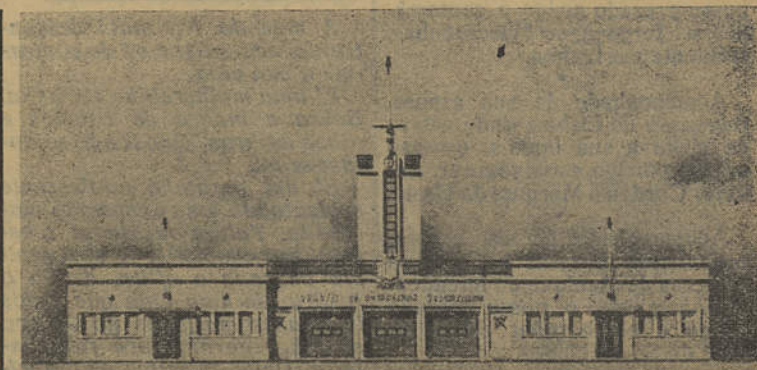
Em Fevereiro de 1947 requereu este sr., juntando o respectivo projecto, a construção de uma casa-tipo económico, na Praia da Rocha, que foi indeferida, em reunião de 6 de Março de 1947, «por não respeitar o estipulado nas posturas que constituem a base fundamental para a implantação dentro do Plano de Urbanização da Praia da Rocha».

Já no decurso do meu mandato, na presidência desta Câmara, o referido sr. apresentou, em Janeiro de 1955, um projecto igual (cópia do anterior), requerendo, de novo, a construção da casa-tipo económico. Esta Câmara subor-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

FÉRIAS PRIMEIROS PASSOS

AS sete horas já estamos na estação do Terreiro do Paço para que o barco nos transporte para o outro lado. Na indecisão de irmos de Beja a Faro ou Vila Real, porque meu filho receta a estrada até Mértola, é por esta que metemos sob garantia de que havia melhora-



1.º projecto do Quartel dos Bombeiros Voluntários

AGUARDA-SE UMA DECISÃO DO SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS para se iniciar a construção

do Quartel dos Bombeiros Voluntários

QUANDO a sereia lança para o espaço os sons estridentes do seu apelo de socorro, todos nós nos lembramos imediatamente dos Bombeiros. Sabe-se que alguém corre perigo e precisa de auxílio. Então, deseja-se, exige-se que os Bom-

beiros acorram muito rapidamente. O decorrer dos minutos em que os vemos aprestarem-se para a largada em direcção ao local que reclama os seus serviços são, para todos, uns breves momentos que parecem séculos. Ansiosamente assistimos a toda aquela azáfama, que vai desde o equipamento até à partida das viaturas.

Embora tudo seja executado em brevíssimo espaço de tempo, o certo é que não nos conformamos com aquilo a que classificamos de grande demora, pois se há perigo é preciso acudir depressa, muito depressa, instantaneamente, como que automaticamente, sem outras considerações que não sejam as de que é preciso acorrer velozmente, porque o fogo — esse implacável inimigo — é também velozmente que prossegue na sua sinistra marcha de destruição.

Isto, que é uma derivante do natural sentimento de solidariedade existente em todos nós, não nos deixa reflectir sobre se os Bombeiros estarão ou não

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

A frutazinha da terra

A mãe do N., em paga de um favor insignificante, trouxe-me ontem um presente. Dentro do cesto encarnado, já puido, com asas novas, vi à superfície o carmeizim penugento dos pêssegos. Fiz-me de sangada.

— Não aceto. Que ideta foi essa?

— O' minha senhora! Meia dúzia de pêssegos e de maçãs...

— Seja o que for. Não lhe quero absolutamente nada.

— Não me faça essa desfeita. É uma frutazinha da terra, do meu quintal. Ora veja...

E destapou mais o cesto, a tentar-me.

Mas não era preciso. Eu já estava vencida. Aliás, estava-o desde o princípio. A frutazinha de terra, da sua terra, tinha um valor diferente de toda a outra fruta. Era sagrada. Como podia eu recusar sem ferir profundamente a mão pequena e trêmula que mantinha afastada, para que eu visse melhor, a asa do cesto? Minha avó Ana que sabia mais de provérbios que Sancho Pança, dáia uns versos assim:

Quem tem juízo direito nunca regeita um presente. Se é de pobre, chora ele; se é de rico, chora a gente...

Pois sim, que chorasse eu.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

EXTERNATO NACIONAL

Pelo sr. Teixeira Marques, director do Externato Nacional, fomos informados da actual situação do nosso único estabelecimento de ensino secundário.

Este estabelecimento continuará a funcionar como os demais anos, apenas fechando quando da edificação de um novo edifício que se pensa construir em breve. Por tal motivo, informamos os nossos assinantes interessados nas matriculas, que podem, por todo este mês e até ao dia 10 de Setembro, inscreverem os seus filhos

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se nas Caldas de Monchique o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Alzou Vasques.

Com sua família, está a veranejar na Praia de Monte Gordo o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Jorge Arez Mascarenhas, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa, onde esteve de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante sr. António Cordeiro Marques da Costa.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se a passar o Verão na sua casa de Manique do Intendente, Azambuja, o nosso prezado amigo e colaborador sr. major José de Sousa Nunes.

De regresso de Itália, onde esteve cumprindo um largo período de estágio, passou por esta vila, tendo permanecido alguns dias em casa de seu tio, sr. Artur da Rosa Botequilha, o nosso prezado assinante sr. eng.º João Eusébio Damasceno Botequilha.

De visita a seu irmão, sr. Artur da Rosa Botequilha, esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, o nosso prezado assinante sr. Eusébio da Rosa Botequilha.

Restabelecido da grave enfermidade que o fez submeter a uma melindrosa operação cirúrgica em Lisboa, já se encontra na sua casa em Loulé o nosso prezado amigo sr. José Maria da Piedade Barros, digníssimo proprietário do nosso colega «A Voz de Loulé».

Encontra-se veraneando na Praia de Monte Gordo o nosso prezado assinante sr. dr. Armando Cassiano, distinto professor do ensino liceal.

Regressou de Termas das Manzeiras, Serra da Estrela, estando a passar o Verão na Praia de Monte Gordo, o nosso ilustre comprouviciano e estimado amigo sr. Juiz-Conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho.

Com sua esposa e filhos, encontra-se em Castro Marim o sr. Joaquim Vaz Palma, distinto médico em Monchique.

A passar as férias, encontra-se em Castro Marim, com sua esposa e filhas, o sr. Custódio Anastácio.

De visita a sua família e amigos, esteve nesta vila o nosso prezado assinante sr. Luís Vasques.

Com pouca demora, esteve em Fátima a sr.ª D. Angelina Gusmão Nogueira Faisca, residente em Castro Marim.

Encontra-se em Castro Marim, em casa de sua avó, acompanhado de sua esposa, o sr. Arsénio Borges Antunes Costa, residente na Capital.

Encontra-se em Foz de Odeleite, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante sr. Henrique Lázaro Martins.

A passar a época balnear, encontra-se em Monte Gordo, em casa de seus pais, o nosso prezado amigo e assinante sr. Eurico Duarte Baltazar, filho do nosso estimado amigo sr. Diamantino M. Baltazar.

Encontra-se a veranejar na Praia da Rocha o nosso prezado amigo e assinante sr. José dos Santos Stockler.

A passar a época balnear, encontra-se nesta vila o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo sr. cap.º António Gonçalves.

Depois de uma longa temporada em Londres, regressou ao nosso País, estando, presentemente, em digressão pelas praias algarvias, o nosso prezado assinante sr. José Júlio Vassalo.

Pedido de casamento

Pela sr.ª D. Alice da Graça Pina Lopes Boulosa foi pedida em casamento, para seu filho sr. Francisco Manuel Pina Lopes Boulosa, a sr.ª D. Maria José Marques da Costa Rocheta, gentil e prendada filha da sr.ª D. Maria Luísa Marques da Costa Rocheta e do nosso estimado amigo e ilustre comprouviciano sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto médico em Lisboa.

O auspicioso enlace deve realizar-se no próximo mês de Outubro.

Casamento

Na Igreja de Santa Isabel, em Lisboa, realizou-se no dia 14 do corrente o casamento do sr.ª D. Antónia do Carmo Branquinho, filha da sr.ª D. Maria Júlia do

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Havia de ralar-me! Os outros, não. Os outros aflige-me que chorem. Fui buscar a fruteira.

As mãos amarradas

A mãe do N., mais descontentada, sentou-se e vá de contar-me a sua vida.

E' uma mulherzinha estranha. Baixa e magra de cabelos e olhos escuros. Quase não se notam pelos.

E' um corpinho adolescente sustentando uma expressão macerada. Talvez resida aí a estranheza chocante. A voz, sempre chorada e aflita, desfia o rosário de uma vida que todos os deuses malignos do Olimpo se congregaram para fazer infelizes. Onde as faltas de dinheiro ao desprezo da família há de tudo. E a voz monótona, aflita, sobrepujada pelos olhos quietos como duas aves resignadas à gaiola.

— Mas isto tudo eu aceitava bem, eu não me queixava. Mas afinal a minha gente tinha razão, o meu marido era um traste. Agora até arranjou uma amiga.

Até já me lembrei de fugir para o Brasil com o meu filho. Vendia a casa e o resto e deixava-o à vontade...

Olho-a com piedade. Conheço o truque. Sonha-se uma fuga impossível, forja-se uma saída que não dá para nenhum caminho quando não existe, realmente, vontade de fugir. Isse tem a vantagem de salvar a nossa dignidade ou o nosso orgulho. De justificar as nossas mãos amarradas.

Os mesmos da cidade

Estou na praia. Alguns dias. A dois passos da cidade. Praia com todos os vícios e todos os defeitos da cidade. E por isso ando aqui como vendida. O repouso que almejo não no acho.

As mesmas arripiantes canções americanas levadas a cada grão de areia por temíveis anti-falantes. A mesma fiada de anúncios metendo-se-nos despididamente à cara: «Compre isto! Compre aquilo!» As mesmas pessoas que, embora quase despidas, não despiram a tela dos seus dramas, dos seus egotismos, das suas lutas, desgraças, atoleiros e paixões. Conheço estas mãos ricas de anéis e pobres de humanidade.

Vejam como tremem enquanto pagam ao criado de mesa o refresco da tarde. Conheço estes olhos de rapina que se incendiam à passagem das beldades, para logo recatrem na modorra das grandes solidões onde voam os abutres. Conheço estas damas que na cidade deambulam à procura de alvo que lhes traga um sopro de novidade, uma chicotada nos nervos lassos.

Não me sinto bem. Não me sinto em família. Mais me queira eu na minha bem amada Costa Nova do Prado, fins de Setembro e Outubro, repleta das matolas gafanhocas que, terminada a estafa de S. Miguel, se retemperam, vestidas até aos tornozelos, à brisa oceânica. Ai me queira eu. Ai poderia eu conciliar a presença do mar e da terra.

Uns versos para amenizar

Quinhentos séculos de escravidão consomem.

Quinhentos séculos em vão.

Cépticos! Que prova maior que reis da grandeza do homem?

Maria Manuela Nunes

QUEM PERDEU?

Encontra-se depositado no posto da P. S. P. uma certa quantia em dinheiro português e espanhol, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Carmo Oeiras e do sr. Joaquim Branquinho, com o sr. Domingos da Rocha Oliveira, filho da sr.ª D. Alice Rocha Viegas Oliveira e do sr. Alfredo Sousa Oliveira. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Judite de Sousa Parra e seu esposo, sr. Jorge Baptista Parra; e, por parte do noivo, sua irmã, sr.ª D. Maria Isabel Rocha Oliveira, e seu sogro, sr. Joaquim Branquinho.

Doente

Foi submetida a uma melindrosa operação cirúrgica, em Lisboa, a sr.ª D. Carminda Noia de Sousa Oliveira, esposa do nosso prezado assinante sr. Alberto de Sousa Oliveira, distinto funcionário superior do I. P. C. P.

JOHN STEINBECK

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cusado por todos os editores, e os dois não chegaram a sair da mala do autor: hoje estão destruídos. Depois de sair de Sierra Nevada, Steinbeck arranja emprego numa estação de piscicultura. Casa. Fixando-se em Carmel, no Novo México, publica *The Pastures of Heaven* (1932). Entre Monterey e Salinas estendem-se essas *Pradarias del Cielo*, onde se vieram instalar famílias que aí vão viver, amar e morrer. Cada capítulo conta a história duma dessas famílias. Em 1933 publica «A um Deus Desconhecido» (*To A God Unknown*), que o torna imediatamente conhecido do grande público. «Boémios Errantes» (*Tortillha Flat*) (1935), porém, é o livro que firma definitivamente Steinbeck. Depois vêm «Luta Incerta» (*In a Dubious Battle*) (1936), «Ratos e Homens» (*Of Mice and Men*, (1937), os contos de *The Long Valley*, (1938), e finalmente «As Vinhas da Ira» (*Grapes of Wrath*, (1939), que colocam John Steinbeck incontestavelmente entre os maiores escritores do nosso tempo. Pouco depois acompanhou ao México uma brigada de técnicos para escrever o argumento para um filme («A Aldeia Esquecida»). Já os seguintes livros de Steinbeck não conseguem ter a importância de uma «Luta Incerta» e das páginas épicas de «Vinhas da Ira». «Noite sem Lua» (*The Moon is Down*), *Cannery Row*, *The Wayward Bus* e «A Pérola» (*The Pearl*) vão-se afastando da profundidade desses romances inesquecíveis. O último romance de Steinbeck é *Burning Bright*, uma história de circo.

Steinbeck é alto, loiro, de olhos azuis. Evita os jornalistas e quando do êxito de *As Vinhas da Ira* foi para as Ilhas Galapagos para fugir às entrevistas e aos fotógrafos. Gosta de ler filosofia, biologia e física. Detesta Hollywood e Nova Iorque. Quando rebentou a segunda Guerra Mundial tentou alistar-se no Exército, mas não foi aceite. Decidiu então ser correspondente de guerra e relatou a de Inglaterra, de África e da Itália. Hoje vive na Califórnia.

Manuel do Garmo

Novos Assinantes

Damos a seguir os nomes de novos assinantes, o que muito agradecemos: Sr. José Silvestre Xavier; pelo sr. Carlos Pereira; sr. Joaquim Viegas.

OFERECE-SE

Rapaz, com o curso comercial equivalente ao 2.º ciclo dos Liceus, deseja colocação compatível. Resposta para: Rua Dr. Augusto da Silva Carvalho, 25 — TAVIRA.

VAI CASAR UMA SUA AMIGA? NÃO SABE O QUE LHE OFERECER? VISITE A

MERCEARIA NOVA

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO

onde encontrará os mais bonitos brindes em VIDROS E LOUÇAS das melhores qualidades, não pagando luxo.

Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PROVINCIA

TAVIRA

Festas em Santa Luzia

Nesta aldeia de pescadores, realizaram-se as tradicionais festas em honra de Santa Luzia, nos passados dias 11 e 12 do corrente. Este ano, houve fraca concorrência de forasteiros, que calculamos ter sido por motivo da construção da nova igreja ainda estar atrasada. As cerimónias religiosas realizaram-se numa dependência da «Casa dos Pescadores» daquela localidade. Abrihantou a procissão a Banda de Tavira.

Radiorastreio do I. A. N. T.

Nos dias 13 e 14 do corrente, na Rua D. Marcelino Franco, funcionou este serviço, interessante a todos os títulos e com muita concorrência. Em Santa Luzia, dia 17, na Avenida Marginal. O camião, com a aparelhagem deste serviço, que é gratuito, foi muito admirado pelo público, que não se cansou de render elogios ao Estado Novo por este excelente e preventivo serviço.

Mocidade Portuguesa

Começou a funcionar em Tavira, na Escola de Pesca, o curso de comandante de Castelo, para filiados das Divisões do Baixo Alentejo e Algarve. Nele tomam parte cerca de 60 filiados, das diversas alas daquelas duas divisões. O curso terminará em 31 do corrente.

Neurologia

Após prolongado sofrimento, faleceu nesta cidade o sr. Eduardo Félix Franco, um dos mais velhos farmacêuticos de Tavira. Devido ao seu trato, era muito estimado e a sua morte foi muito sentida. — Com 88 anos de idade, também faleceu nesta cidade o mais velho vendedor do mercado, sr. José Luzia, que foi proprietário e comerciante no sítio da Cumeada. — C.

Festa Andaluza

Organizado pelo Lusitano Futebol Club e Rádio Juventude de Aiamonte, realizou-se, na noite de 11 do corrente, pelas 22 horas, na Praça Marquês de Pombal, com extraordinário sucesso, o espectáculo radiofónico com artistas e amadores do teatro e da rádio da vizinha cidade de Aiamonte. O conjunto de artistas fez-se ouvir nas melhores canções do seu folclore e danças andaluzas. A orquestra «Brisas do Mar», sob a direcção do maestro Andrey, prendeu toda a assistência, pelo que foi muito aplaudida. Todos os amadores mereceram os aplausos com que o público premiou os seus números.

Merece especial referência a pequenina Antónia Ortiz Rogo pela maneira como desempenhou os números que lhe competiram. Neste espectáculo também actuaram os nossos conterrâneos srs. José Saraiwa Rosa e Sérgio Peres, com selecções de fados.

A direcção do Lusitano e Rádio Juventude de Aiamonte agradecem por nosso intermédio a todas as autoridades e a todas as pessoas que desinteressadamente corresponderam para que esta festa se realizasse.

CÃES

Pedem-nos os moradores da rua Miguel Bombarda que chamemos a atenção das entidades competentes para a sinfonia canina que de noite se faz ouvir, em virtude dos respectivos donos não possuírem as condições necessárias para os reterem em seu poder.

ODELEITE

Esclarecimento

Por ser recente a instalação da cabina telefónica nesta localidade, não consta ainda na respectiva lista. Esclarece-se, pois, que para obter a ligação basta pedir Odeleite, que consta na rede do Azinhal como o n.º 6.

O tempo

Frio e calor, vento e calmarias, e as canículas vão seguindo que, se forem certas, o futuro ano será de abundância completa.

Deus queira que sim, porque já não é sem tempo.

Notícias Pessoais

Em gozo de licença, encontram-se em Odeleite os srs. António Cavaco dos Santos e Alexandrino A. Macedo do Xavier Cavaco, respectivamente soldados da companhia de Saúde e Cavalaria 3.

— Em gozo de férias, encontram-se em Odeleite os nossos prezados conterrâneos sr. António R. Estêvão, professor oficial e delegado escolar em Castro Marim, e a sr.ª D. Fernanda Cavaco dos Santos, professora oficial em Monte Gordo.

— Também gozando umas merecidas férias, encontra-se entre nós o sr. António Adalberto Luz Xavier, distinto aluno do 5.º ano.

Doente

Por ter sofrido uma forte comoção cerebral, encontra-se em estado pouco satisfatório o nosso amigo sr. A. S. Estêvão.

ATUNEIRO

«Rio A'gueda»

No passado dia 11 do corrente, entrou no nosso porto, tendo já seguido para a cidade de Aveiro, o atuneiro «Rio A'gueda», com um carregamento de 122.446 Kgs. de atum congelado, que foi vendido à nossa indústria, como se segue:

Raul Folque & Filhos, 352 peixes, 25.024 kgs.

Peninsular, 358 peixes, 24.182 kgs.

Ramirez & Filhos, 316 peixes, 25.015 kgs.

Ramirez & C.ª, 323 peixes, 22.936 kgs.

Pilotos & Capa, 293 peixes, 19.875 kgs.

Sociedade de Conservas Aliança, 151 peixes, 10.416 kgs.

PRECISAM-SE

Costureiras e Aprendizizas

DIREGIR A:

D. Julieta Castanheira

Rua Jacinto José de Andrade

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AS NOVAS INSTALAÇÕES

DA CASA SIMON

Conforme dissemos no nosso último número, estão quase concluídas as novas instalações desta conhecida casa.

Sabemos, por informações de boa fonte, que está a ser preparada, com todo o cuidado, a sua inauguração, fazendo parte do programa uma distribuição de géneros alimentícios a 50 pobres.

FALECIMENTO

Nesta vila, no dia 13 do corrente, faleceu o sr. Domingos Fernandes, casado, de 61 anos de idade, sócio da Empresa de Transportes do Rio Guadiana.

O extinto, que gozava de muitas simpatias nesta vila, era casado com a sr.ª D. Maria Palmira Viegas Fernandes, e era pai dos srs. Norberto Viegas Fernandes e Domingos Viegas Fernandes.

VENDE-SE

Um aspirador e encerrador eléctrico com varios acessórios de limpeza

Um aquecedor com três resistências tudo em estado de novo

Quem pretender dirija-se a

ANTÓNIO CORREIA MONCHIQUE

Consulado de Espanha

Vila Real de Santo António

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 10 a 16 de Agosto:

TRAINEIRAS

Sul	61.945\$00
Pérola do Guadiana	32.535\$00
Audaz	31.350\$00
Infante	30.585\$00
Maria Rosa	28.985\$00
Agadão	26.835\$00
Pingim	22.830\$00
Flor do Guadiana	22.515\$00
Lenita	21.780\$00
Triunfante	21.500\$00
Rajada	17.975\$00
Liberta	17.650\$00
Levante	15.780\$00
Brisa	15.200\$00
Janita	12.895\$00
Tozé	11.640\$00
Aldita	10.780\$00
Raulito	7.300\$00
Conceiçanita	4.250\$00
Norte	3.520\$00
Deolinda Rita	2.410\$00
Sete Estrelas	1.870\$00
Boreal	1.130\$00
Flor do Sul	480\$00
Total	423.740\$00

CERCOS

Novo Machado	8.680\$00
Lívrio	6.510\$00
Amazona	685\$00
Total	15.875\$00

Atum da Costa Algarvia

146 Atuns	128.733\$60
67 Atuarros	34.968\$70
29 Albacoras	9.376\$60
5 Cachorretas	1.691\$70
12 Cachorretitas	620\$00
Total	175.338\$60

Atuneiro «Rio A'gueda»

125.446 Kgs., 338 704\$20

Vendas realizadas na lota de Vila Real de Santo António no período de Janeiro a Junho de 1957: Esc. 21.764.325\$00.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 10 a 16 de Agosto:

Entradas:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.

BELEM, Francês, de 1101 ton., de Setubal, com carga em trânsito.

RIO A'GUEDA, Português, de 838 ton., dos Açores, com atum congelado.

PETER SAXBERG, Dinamarquês, de 292 ton., de Newport, com carvão.

GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Olhão, com carga em trânsito.

Saídas:

MIRA TERRA, Português, para o Porto, com enxofre.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

BELEM, Francês, para Génova, com conservas.

RIO A'GUEDA, Português, para Aveiro, vazio.

PETER SAXBERG, Dinamarquês, para Faro, vazio.

GRANDSON, Suíço, para Livorno e Génova, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 17 a 23 de Agosto, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda — Telefone 64.

FUTEBOL

Está marcado para o dia 1 de Setembro, no campo de jogos Francisco Gomes Socorro, um encontro amigável de futebol entre o Lusitano Futebol Clube e o grupo da vizinha cidade espanhola «Aiamonte Futebol Clube».

No próximo dia 8 do mesmo mês, desloca-se a Aiamonte o Lusitano F. C. para realizar um encontro com o mesmo clube.

Anúncios e propagandas «Notícias do Algarve»

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

Depositarário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República — Telefone 12

Os Noyos — Homens de Amanhã — da Comunidade Lusíada

DURANTE duas semanas, estiveram entre nós, de visita a Portugal, os estudantes brasileiros alunos do Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro, os quais percorreram o País, em contacto e convívio com a nossa Mocidade Portuguesa. Destarte se fez o 1.º Encontro Nacional das duas juventudes de Portugal e do Brasil, os novos de hoje de ambas as nações irmãs, que são os futuros homens da comunidade lusíada. — Portugal e o Brasil unidos, de facto e juridicamente, uma só família lusa.

No dia quatro do corrente mês, numa só cerimónia, encerrou-se o curso de Julho da Escola Central de Graduados da M. P., assim como o 1.º Encontro Nacional referido, e fez-se a abertura dos cursos de Agosto, da mesma M. P.: — tudo em conjunto, sob a presidência do ilustre Ministro da Educação Nacional, engenheiro Pinto Leite, e com a presença do Encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil, além de outras entidades.

A cerimónia, com a qual as duas juventudes prestaram homenagem ao português Pedro Álvares Cabral, que foi quem descobriu o Brasil, e é o Patrono dos Graduados da M. P., foi uma festa de juvenil exaltação da comunidade luso-brasileira. Justo é que nos novos de hoje, homens que são de amanhã, inculquemos a certeza de que portugueses e brasileiros, filhos de mãe comum, e a falarem a mesma língua, e com os mesmos sentimentos de Fé e tradição e civilização latino-cristã, formam uma família só, por natureza, que o dizem as razões apontadas acima, e por conveniência da integridade das duas pátrias, ameaçadas hoje, como nunca, pelo maior inimigo que já teve a Civilização.

O Ministro da Educação Nacional fez um discurso notável, que abriu com estas palavras: «Sob o signo da lusitanidade e em homenagem a Pedro Álvares Cabral e ao Brasil, estão aqui reunidos os comandantes de Castelo do curso que é hoje promovido, os candidatos a comandantes de Bandeira e de Castelo do curso que hoje se inicia, e numeroso grupo de graduados que, por sua iniciativa, acorreram de todos os pontos do continente à capital, para afirmar que a juventude portuguesa está ao

serviço da comunidade lusíada». O sublinhado é nosso, por patentear que a nossa mocidade, aquela já educada na doutrina nacionalista do Estado Corporativo, sente que portugueses e brasileiros são a mesma família, diferentes quanto à terra onde nasceram, mas iguais porque da mesma natureza de sentimentos cristãos, e porque, com suas variantes meramente accidentais, a língua que falam é uma só: — a de Camões, e daquele português, Pedro Álvares Cabral, que, descobrindo o Brasil, ao Brasil levou o nosso sangue, a nossa cultura, a nossa língua, a nossa civilização evangélica. «Que vos sirva de exemplo — disse, ao final, o engenheiro Pinto Leite — este grande português que trouxe à vossa comunidade o país irmão, ao qual tão ardentemente amamos: — Terra de Vera Cruz, Província de Santa Cruz, Reino do Brasil, Estados Unidos do Brasil, essa terra que, no dizer de Nóbrega, «foi vossa empresa». Que nestas Cortes da Juventude que vós sois, se evoque a gesta gloriosa de Portugal e com ela toda a nossa vocação histórica de difusores da civilização e da cultura, da Lusitanidade».

Chega-se à conclusão: — nas duas margens do Mar Oceano, como diziam os antigos — os nossos de antanho — hoje e para sempre, o abraço por sobre o esse Mar, como na palavra de António Ferro, é uma realidade: — e a maior certeza do que dizemos, têmola no abraço de confraternização das duas juventudes (a portuguesa e a brasileira), que no seu «1.º Encontro Nacional», como duma só cepa, se verificou recentemente.

Houve uma cena ou episódio de enternecer, o que é uma lição: — o pai de um dos novos graduados da nossa M. P., pediu ao Ministro da Educação para que entregasse ao filho as mesmas insígnias de comandante de Castelo que 17 anos antes ele, pai, havia recebido; e o Ministro anuiu, e ao pai e ao filho deu um abraço. Símbolo é isto de que os pais se continuam nos filhos; símbolo é de que a Pátria se continua nos novos de hoje, homens de amanhã.

A. da F.

Assine o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

O LUSITANO E A II DIVISÃO RESPOSTA A "O ALGARVE"

O nosso prezado colega de Faro «O Algarve» achou muito mal que tivéssemos lamentado a posição tomada pela A. F. de Faro na apreciação do projecto da sua congénere de Leiria, no qual seria directamente beneficiado o Lusitano local, e pretende, no seu penúltimo número, colocar as coisas no devido lugar.

Começa aquele nosso colega por catalogar de tão infeliz como injusto o nosso modestíssimo artigo e acaba, mesmo, por considerar-nos longe das coisas da bola.

Ainda que não possamos estar completamente de acordo com «O Algarve», aceitamos a sua opinião sobre os nossos conhecimentos, rejubilando de alegria por sabermos que, no conceito daquele nosso colega, não pertencemos ao número dos influentes no futebol, por consequência, isentos de culpabilidade na catadupa de asneiras que o vitimam.

Entre o vivermos longe das coisas da bola e sermos cúmplices de tal situação, nosso coração balança, balança... e prefera a ignorância.

Torna-se necessário esclarecer que nada nos move contra a A. F. de Faro, pois nutrimos por quem trabalha o máximo respeito e, mesmo quando esse trabalho é, por vezes, eivado de erros, ele não deixa de merecer a nossa consideração e carinho.

Em suma, somos sempre os últimos a atirar pedras, porque sabemos como é difícil contentar todas as opiniões.

Portanto, o motivo que nos levou a escrever aquelas linhas, foi o de lamentarmos que uma oportunidade para beneficiar alguns clubes e, principalmente, o Lusitano, fosse rebatida, ou, pelo menos, descurada, pela Associação de Futebol de Faro.

Estávamos longe de pensar que o nosso conceituado colega se propusesse ligar-nos alguma importância, acrescentando ao seu reparo uma brilhante lição sobre as coisas da bola.

Muito agradecidos ficamos e fixamos muito bem que só no Congresso da Federação, a realizar brevemente, é que aquele organismo tomará posição, depois de ouvir os seus filiados, o que já se verificou na passada segunda-feira.

Como andamos longe destas coisas, não pudemos assistir à reunião da Federação que nos levou a escrever anteriormente e tivemos que tirar deduções através da imprensa da especialidade, pois também não nos forneceram relatórios sobre o que nela se discutiu, sendo nossa convicção que na citada reunião iria ser apreciado ou seleccionado um projecto para apresentar depois no Congresso. Não acreditamos que a Federação se reúna para... tomar chá.

Ora, poderá aquele nosso colega responder-nos, se para isso tiver procuração, que posição seria a da nossa Associação, já que, como se deprende do seu artigo, os clubes filiados ainda nada tinham resolvido e só mais tarde foram convocados para isso?

Se tivesse de ser acordado num projecto único, estaria aquele organismo em posição de contrariá-lo no futuro Congresso, faltando ao anuído em reuniões anteriores?

Nada percebemos destas coisas, mas, também, estas coisas têm a sua culpa, porque sempre se apresentam confusas.

E' nossa opinião que a reunião entre os clubes pecou por tardia, a não ser, o que seria gravíssimo, que essa reunião se tivesse realizado só entre uns tantos, antes da que teve lugar na Federação, ou, o que revela certa autocracia, que ela nunca tivesse tido lugar.

De certo que «O Algarve» não deixará de elucidar-nos convenientemente, para irmos aprendendo alguma coisa.

Dada a analogia dos factos e já que pedimos esclarecimentos ao nosso colega, não queremos deixar de retribuir com aquela modestíssima bagagem de conhecimentos que possuímos, informando-o que não é exacta a notícia que faz publicar, logo na coluna da esquerda, sobre a Liga de Espanha.

Assim, e ao contrário do que afirma, a 2.ª Liga espanhola, que terá início no próximo dia 15 de Setembro, será disputada por 36 clubes, divididos em 2 zonas de 18.

Muitas linhas já gastámos, muito pouco dizendo. Todavia, parece-nos que o nosso artigozinho anterior não tem tanto de infeliz como pelo «O Algarve» é considerado.

Mesmo assim, levando em linha de conta a sua superior bagagem, se o nosso colega insiste em que a razão lhe pertence e que nós fomos infelizes com o que escre-

vemos, então, nada mais nos resta senão pedir desculpa aos nossos estimados leitores, ao «O Algarve», pela indisposição que lhe causámos, e, sobretudo, à parte mais atingida, que foi a A. F. de Faro, a qual muito prezamos, pela sua condição de organismo que — mal ou bem — vai trabalhando.

Após o exposto, não queremos deixar de frisar que não viemos a público para defender projectos, ou para concordar com aquele que a A. F. de Leiria fez sair à discussão, embora, muito particularmente, o julgemos de muito maior interesse que o que se tem feito disputar em 2 zonas.

Do facto, julgamos saber, já deram a sua opinião favorável os clubes do Algarve, que, com raras e aceitáveis excepções, viram imediatamente as suas vantagens. Com a 2.ª Divisão em 3 zonas, o principal problema consistiria em dividi-las equitativamente, sem desproporções, vantajosas para uns ou ruins para outros.

Na sua parte final, o ilustre articulista de «O Algarve» considera muito mais atraente que o Lusitano se prepare para conquistar no campo a posição que poderia alcançar na secretaria.

Considera o articulista como um golpe de secretaria o benefício que para o Lusitano traria a remodelação projectada, quando tal, quanto a nós, não é de considerar. A remodelação não foi projectada para beneficiar o Lusitano e somente o beneficiaria porque, casualmente, já tinha conquistado determinada posição para isso.

Tal como agora seria beneficiado, poderia ter sido prejudicado por outro projecto, sem que isso levasse a imprensa a protestar contra qualquer golpe de secretaria.

De resto, estranhámos que tal assim seja considerado, pois, em condições de muito mais repercussão, outros clubes de mais recursos já têm sido beneficiados, sem que o facto se possa considerar indigno.

Já que falamos de secretaria, pode o Lusitano queixar-se de não ter sido dos mais protegidos, pois à nossa memória ainda vem, um tanto confusamente, uma lista de nomes que se baralham e que redundaram num, então, autêntico golpe. Isso foi num torneio final da 2.ª Divisão, aí por volta de 1947. Mais tarde, por motivos idênticos, o critério não foi tão idêntico. Prejudicado, desta vez em benefício de um bonito — o Algarve — que viu 2 dos seus clubes eliminarem-se, para ficar um.

Posições de secretaria, podem também considerar-se aquelas que são conquistadas à custa de muito dinheiro gasto em aquisições de jogadores, principalmente estrangeiros e de que respigámos algumas notícias no próprio «O Algarve», sem que, pela imprensa sejam consideradas de indignas.

Todavia, bastaria um golpe de secretaria para que os praticantes estrangeiros deixassem de tirar o lugar que por direito pertence aos nossos jovens desportistas, pois, não devemos esquecer-lo, um clube tem por fim pro-

AGUARDA-SE UMA DECISÃO DO SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS para se iniciar a construção

do Quartel dos Bombeiros Voluntários

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

em boas condições de acudir com a celeridade desejada à chamada que lhes é feita e, na hipótese negativa, seria então absolutamente indispensável proporcionar-lhes os meios de poderem eliminar essa insuficiência.

Os Bombeiros de Vila Real de Santo António tem, pois, esse problema: péssimas condições de instala-

REDES DE NYLON

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mo os profissionais têm verificado, por meio de múltiplas experiências, que a aquisição de redes de nylon não representa uma despesa exagerada: pelo contrário, resulta numa apreciável economia.

Deve notar-se que, sendo o fio de nylon muito mais resistente, podem utilizar-se fios bastante finos e, por conseguinte, muito mais leves do que os utilizados anteriormente; convém notar ainda que, como este fio é absolutamente imputrescível, são desnecessárias as tanagens, o que representa considerável redução de despesas. Sob o ponto de vista de rendimento durante a faina da pesca, os resultados obtidos com as redes de nylon são sensivelmente mais elevados do que aqueles que poderiam ser obtidos empregando redes vulgares, porquanto, tratando-se de um material translúcido, as sombras projectadas são quase imperceptíveis; por outro lado, o levantar das redes torna-se muito mais fácil, devido ao pouquíssimo aumento de peso que a rede sofre quando molhada, pois que é impermeável, como já se disse, e é muito menor a resistência oferecida, quando da reposição das redes a bordo.

De «La Pêche Maritime»

mover a educação física dos seus associados, desenvolver entre eles a prática dos desportos e proporcionar-lhes meios de distração e de cultura.

ção. A arrumação dos seus carros naquela acanhada e incrível divisória da sua sede — não é possível chamar-se, de boa fé, um quartel — tem fatalmente de reflectir-se nas complicadas e morosas manobras que todos observamos quando é necessário trazê-los para a rua.

Por isso é que os dirigentes da benemérita Corporação andam bastantes empenhados na resolução desse problema, procurando esforçadamente que seja edificado um edifício ajustado às necessidades da sua alta e nobre missão, tão nobre que não temos quaisquer dúvidas em classificá-la no cimo da escala das actividades que a Humanidade pratica em função de solidariedade.

Sabemos que o assunto tem sido devidamente estudado. Aturados esforços têm sido desenvolvidos, mas já se avista uma definitiva resolução. Se é certo que os Bombeiros não contam com disponibilidades financeiras suficientes para realizar a obra numa assentada não é menos certo que a população de Vila Real de Santo António não regateará o seu auxílio — como, aliás, já o vem fazendo — uma vez iniciada essa legítima e justa aspiração dos vilarrealenses. Não só legítima aspiração. Satisfação de uma premente necessidade local, é o que nos parece, antes de tudo o mais, que ela seja.

Que o sr. eng.º Arantes e Oliveira, ilustre ministro das obras públicas, ao qual o assunto está afecto, lhe dê uma breve e prática resolução, são os desejos de todos os habitantes de Vila Real de Santo António.

José Augusto

JÚLIO PADESCA

PUBLICIDADE GERAL

Estudos — Produção — Corretagem

TELEFONE 55430

Rua de Santa Marta, 78 — LISBOA

EXTERNATO NACIONAL

(ANTIGO COLÉGIO NACIONAL)

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Ensino Primário, Admissão e Curso Geral do liceu (1.º e 2.º Ciclos)

Estão abertas as matrículas até ao dia 10 de Setembro, das 15 horas às 18 horas

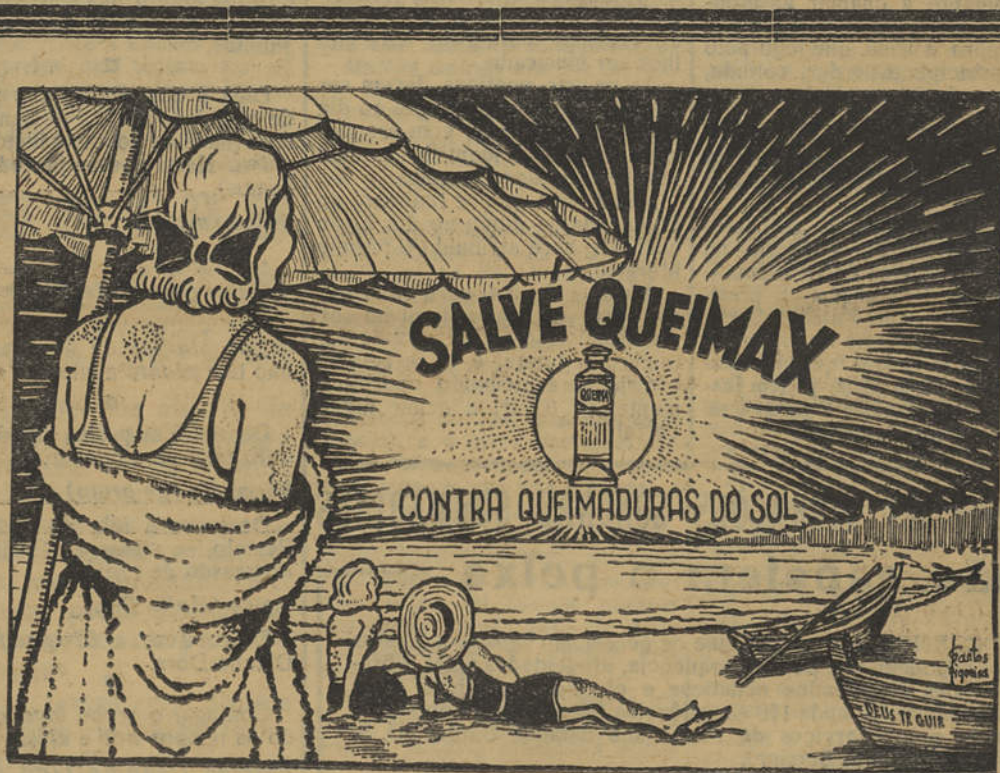
Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Não deseja os seus filhos com vermelhões nem queimaduras do Sol? Friccione-os, levemente, com QUEIMAX, produto indispensável a todos os Banhistas.

À venda nas Farmácias e Drogarias

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

ALEXANDRE DUMAS

ESMOLER

Alexandre Dumas filho, volta e meia, era assediado para ceder os seus direitos de autor, na representação das suas peças. O nosso homem — que aliás era rico — torcia o nariz, subia-se nas suas tamanquinhas, e dava a perceber que quem quer peças, escreve-as...

Mas, um dia, tanto o maçaram que ele foi até à orgia dos... cinco francos, na representação de uma das suas peças, em benefício de não sei que artista com os pés para a cova.

— A minha fortuna — dizia ele — não me permite dar esmolas de 500 francos. Serei generoso, em todo o caso, desta vez: receberei, por junto... 275 francos.

Este homem tinha no lugar do coração um seixo bicudo.

BEBEDEIRA E PATERNIDADE

Um bêbedo incorrigível, daqueles que as apanham de caixão à cova, chegou ao fim da semana, com a fêria na unha, metia-se na taberna, e agora nós... Bebia, bebia, de tal modo que uma esponja não bebia tanto.

Depois — entrado em casa — dava na mulher uma sova de criar bicho. Uma sova por semana, matemática. Nunca falhava.

Vai senão quando, a mulher foi mãe. O nosso homem continuou a empregar-se. Hábito velho não cansa... Mas — milagre! — agora o nosso homem já não bate na mulher. E esta, surpreendida, pergunta:

— Então, agora já me não bates?

Resposta do mafarrico:

— Tenho medo de acordar o menino!

O pai matou o bruto, sem ter chegado a matar o bêbedo.

QUIROMÂNCIA

Há quem leia nas mãos como em livro aberto. Um sujeito tem dedos afuselados, compridos e de carnes enxutas? Tanto basta para que o sábio com uma licenciatura em quiromancia e coisas adjacentes diagnostique: estamos em presença da soberba. Apresenta mão dura e encarquilhada, estilo concha, a dizer *venha a nós?* E' um avarento. Tem mãos gordas, curtas, moles, lisinhas que nem fraseiro de recém-nascido? Pois é a própria luxúria.

Tem mãos esverdeadas, ásperas e de unhas curtas? E' indivíduo propenso às tempestades da cólera. Se tivesse mãos compridas e ossudas, seria o tipo do invejoso. Com mãos brandas que nem manteiga, e macias que nem veludo, seria a personificação da preguiça.

O mesmo sábio, olhando à palma da mão de qualquer mortal, logo dirá com a sua argúcia peculiar: o M desenhado no centro da mão nada tem de labiríntico? pois indivíduo com tal M levará existência sem solavancos; se o M fosse cheio de confusos arabescos, daí se concluiria uma vida agitada e cheia de tortuosidades.

Para estas observações, dizem os quiromantes: a mão direita é melhor do que a esquerda. Comenta um espirituoso: «se é que isto não é mais uma velhacada das muitas da mão direita, que anda sempre a chamar as atenções e a armar intrigas, para pôr na sombra a irmã, que logo pelo nome principia a perder, coitada, a pobre mão esquerda!»

JANTAR DE HOMENAGEM

Como foi anunciado, realiza-se no próximo dia 31 de Agosto, no restaurante «Caves do Guadiana», o jantar de homenagem ao presidente do Lusitano Futebol Clube sr. António dos Anjos Ruivinho.

As pessoas amigas que queiram fazer parte desta festa, podem inscrever-se nas «Janelas Verdes» e no «Café Império», desta vila.

AS VIBRAÇÕES SONORAS SUBMARINAS não repelem o peixe

A CRENÇA corrente de que os peixes são sensíveis ao som e podem ser, por consequência, afugentados pelas vibrações das sondas acústicas e electro-magnéticas ficou sem fundamento após 110 experiências feitas durante dois anos e meio pelos Serviços de Pesca dos Estados Unidos (U. S. Fish and Wildlife Service).

Os cientistas destes serviços conseguiram apenas mudar de direcção, mas sem os afastar, da fonte das vibrações. Utilizando frequências de 67 a 70 mil vibrações por segundo, imaginaram um dispositivo submarino para impedir os salmões pequenos e as trutas de se aproximarem das represas e condutas de aspiração de água das fábricas. Segundo eles, um dos dispositivos vibratórios empregados, que seria capaz de romper o tímpano do ouvido humano, conseguiu apenas que os salmões e as trutas mudassem de direcção.

Estes técnicos continuam ainda procurando um meio de encaminhar os peixes até à conduta de evacuação de forma a afastá-los da zona perigosa das turbinas.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director
João A. Dias Pena
Editor e Proprietário
Armando R. Cruz



XV

No Casino

Assim como o tempo passa, deixando muitas vezes uma marca indelével nos espíritos dos mais folgazões, assim também deixa, por vezes, sinais duros e bem vincados nos rostos de alguns. Este é o caso dos mais idosos, daqueles que sentados junto dos varandins, olham tristemente e com saudade para a sala de dança, ou espreitam o espirito por entre duas saltares olhadelas, sobre uma praia linda, onde a areia branca brilha conjuntamente, em mágicas cintilações com o luar.

Perto de nós, junto de uma pequena mesa, onde predominavam cálices de cognac, dois sujeitos idosos olhavam com ternura a sala de dança, donde vinham acordos de um mambo, dançado a rodopiar, como hino a uma juventude alegre e com vontade de viver.

Numa voz alegre, tal qual um

UMA CARTA

do sr. presidente da Câmara de Portimão

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dinou a sua aprovação à compra, por parte do interessado, do terreno que faltava ao respectivo talhão e à apresentação do desenho do muro de vedação.

Em Fevereiro seguinte, o sr. Ojeda requereu à Câmara a venda do terreno que lhe faltava para poder construir mas, como este terreno não pertencia ao Município, foi-lhe comunicado que devia adquiri-lo ao respectivo dono.

Não tendo aquele sr. apresentado o desenho do muro de vedação para o prédio a construir, não lhe foi passada a necessária licença.

Presentemente o citado projecto não tem qualquer valor, em virtude dos regulamentos que, nesta data, estão em vigor.

JOGOS FLORAIS DE QUARTEIRA

A Junta de Turismo da Praia de Quarteira vai promover um concurso literário e musical para a obtenção da letra e da música da *Canção da Praia de Quarteira*, a fim de ser gravada e poder deste modo fazer-se a propaganda daquela Praia e das suas belezas.

São estabelecidos dois prémios: o literário, no valor de 200\$00, e o musical, no valor de 1.000\$00.

A composição poética deverá ser constituída por 2 «couplets» e 1 refrain, os quais devem obedecer às condições que serão fornecidas aos interessados pela Junta de Turismo, para esta letra melhor ser musicada.

As provas poéticas devem ser enviadas para a Junta até ao dia 27 do corrente mês, com pseudónimo, que será identificado num segundo envelope lacrado.

Numa festa que se realizará na Esplanada da Junta no dia 31 do corrente, será atribuído o prémio literário.

A prova musical será entregue, em parte de piano, também sob pseudónimo, até ao dia 12 de Setembro seguinte, e o respectivo prémio será atribuído oportunamente, se o júri o achar digno de tal.

lenitivo contra o tempo que tudo esquece, disse um deles:

— A's vezes fico a pensar: quando olho para a maior parte delas recordo-me que andei, quando pequenas, com quase todas ao colo: hoje, nem me olham!...

— Pois não, se calhar querias trazê-las ainda ao colo? Já não tinhas força para isso.

— Não tenho forças, mas ainda tenho vontade disso. Poderia não ser capaz de dançar o famigerado «Rock» mas era capaz de dançar a «polca», muito puladinha; depois, dançar um lento «one step», mais tarde passear com ela, junto à água brilhante, sob este cáldio luar, que lhe poria reflexos dourados no cabelo, depois...

— O quê, já vais aí?... E é bem verdade: o tempo passa rápido, mas nos espíritos são e alegres as suas marcas são bem indeléveis.

Entretanto, na sala, os pares continuavam a rodopiar, qual um mundo de sonhos, talvez bastante repleto de ilusões, mas esses não são os nossos votos.

Ouvida no domingo, entre um rapaz de fora e uma rapariga cá da terra:

— Não me mostre a língua que eu não sou médico!

— Olha o parvo!

— Nem me mostre os dentes que também não sou veterinário!...

Frases soltas

— Nem me falem da «Volta». Ai! o ano passado...

— Tens saudades da «Volta»? — Não, tenho mas é das *revira... Voltas...*

— Se eu tivesse transporte, ia todas as noites ao Casino.

— Mas há transporte, todas as noites!

— Se houvesse transporte, mas transporte «amoroso».

— Gosto tanto de ir à praia fazer castelos de areia...

— Não é preciso ir à praia; chega-te a areia que tens na cabeça.

Sabemos que a praia é uma grande distração para os estudantes. Não querendo nós, de forma alguma, que o gosto pelo estudo vá mingando de intensidade com os estudos anatómicos feitos *in loco* na praia, damos a seguir um:

PONTO DE FÉRIAS

História (de um amor)

Diga o que quiser acerca dos amores históricos da Idade Média (Idade Média, é uma das divisões feitas na História Universal, e não a *idade média* das suas conhecidas) — omitir o caso «Romeu & Julieta».

Diga o que souber dos amores de Napoleão na Ilha de Santa Helena (nada de contar a história da *prima Helena*, essa já todos sabemos).

Física (mente) ... o que é que há?

Ciências (naturalíssimas) Cite o que souber acerca de certas plantas de meninas, que não têm planta nenhuma.

Descreva as partes anatómicas, utilizadas para dançar.

Português (de preto) Descreva a fala do Velho do Restelo, se viesse ao Casino, em digressão de crítica.

Inglês (Hallo Boy) Descrever a biografia da Dianna Dors.

Conjugar o verbo *love*, omitindo os tempos *nós* e *eles*.

Desenho (Geométrico e fotogénico) Descrever em prosa uma miuda sua conhecida.

Apresentar a planta dos toldos da praia de Monte Gordo (com notas explicativas).

ATRAVÉS DO ALGARVE

“Barlavento”

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Eça; Luís Santos, matriculado na Faculdade de Direito, levou o seu curso ao fim, sendo depois mobilizado na qualidade de oficial miliciano. Dois amigos que se perderam de vista nestas sombrias voltas da sorte e do mundo! «Barlavento», logo de entrada, apresenta quatro alexandrinos de «O Meu Algarve»:

Província onde nasci, amada do luar E do sol ruidoso, ardente, imorredouro... Lírio fresco e azul deitado à beira-mar Com o cálice gentil a orvalhar-se lem oiro...

A minha tristeza situou-se nestes três nomes: João Lúcio, Lúcio Lopes e Luís Santos.

O poeta original do «Descendo», o jovem oficial que deixou uma formosa aguarela em prosa do izar da bandeira em A'frica e o romancista preclaro de «Barlavento».

A Arte, afinal, é uma beldade que coloca os seus cultores acima da maioria dos mortais, por mais ricos, soberbos e autoritários que sejam. Um eminente poeta escreveu do homem este verso filosófico:

O homem só é grande quando [chora!]

Outro poeta, mais religioso que filósofo, disse:

O homem só é grande quando [reza!]

E eu, sem olvidar a minha combatividade ancestral, escrevi:

O homem só é grande quando [luta!]

São três formas diferentes de apreciar a fera humana; cada um pode escolher a que mais se ajuste à sua alma, ao seu coração ou ao seu temperamento.

Dentro de toda a nossa existência boa ou má, pura ou impura, sincera ou falsa, permanecem imutáveis para todos o nascer e o morrer... Ainda bem que a natureza não recebe cartas de empenho!

A medida que a leitura do livro se desenrolava placidamente, o meu espírito ia-se modificando de maneira salutar, serena e jubilosa.

E que «Barlavento» é um livro adorável, repleto de naturalidade, elegância, bons costumes e uma linguagem impregnada de louçanias locais.

Em fins de 1868 saíu no Porto a primeira edição de «Uma Família Inglesa», da lava desse brilhante e infeliz Júlio Diniz.

Os críticos atiraram-se a esse livro com a mesma fúria de S. Tiago aos moiros, os mesmos críticos que, meses antes, cobriram de aplausos e louvores «As Pupilas do Senhor Reitor». Um dos críticos acerados da «Família Inglesa» chegou ao extremo da verrina com esta afirmação desconcertante: «Ficamos extenuados ao concluir a leitura.

E' um corpo de elefante com a vitalidade de um pintassilgo».

Do romance «Barlavento» podemos, com imparcialidade e justiça, dizer precisamente o contrário: «E' um corpo de pintassilgo com a vitalidade de um elefante».

A vida marítima, entre tempestades e naufrágios, é trabalhada por mão de mestre, sem palavras inúteis ou cenas fantásticas.

O amor à terra-mãe tem lances de suavidade e ternura que nos encantam; a política, a religião e o ambiente daquele Ferragudo pobre e heróico, são comovedores; a mulher antiga e casamenteira é tratada com uma psicologia tolerante e sentimental.

O artista não se esqueceu de cobrir tudo e todos com o seu manto de piedade incluindo aquelas florinhas campestres que fizeram florir os primeiros versos de João de Deus.

O padre Domingos, o Joaquinzinho da Rosa e outras figuras de nomes supostos dão-nos a faceta naturalista de Luís Santos, sem perder, à laia de Musset, o respeito pela sua própria independência.

O Algarve conta com mais um

À última hora chegou-nos esta notícia fresquinha: «O... y pediu namoro à Z... e esta aceitou!»

Não dizíamos nós que ele entrava nos... etros.

Os 2 Reporteres e um Fotógrafo

valor nas letras, sem recomendações nem elogios descabidos.

O prefaciador de «Barlavento» não se alongou em frases feitas ou juízos temerários.

Neste trecho simples e preciso condensa o escritor Domingos Monteiro a sua análise rápida e conscienciosa ao livro do dr. Luís António dos Santos:

«De facto, «Barlavento» é um conjunto de histórias da Terra e do Mar, bem observadas e bem urdidas; em que a narrativa flui com a correteza natural de quem à experiência humana, lúcida e profunda, une uma experiência literária e um talento, sem os quais a primeira não podia exprimir-se harmoniosamente.»

O romance é uma manifestação literária das mais expressivas para a educação dos povos, tanto em Portugal como no Brasil.

Entre nós, portuguesa, três romancistas se colocaram na primeira fila dos profissionais modernos: Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e Manuel Ribeiro.

Todavia, manda a verdade que se diga que nenhum dos três conseguiu aproximar-se do velho Eça de Queiroz.

Na efabulação, no estilo e na clareza dos conceitos ficaram a respeitável distância do autor famoso dos «Maias».

O Brasil sofre da mesma deficiência com os três romancistas modernos que possui: Erico Veríssimo, Jorge Amado e Álvaro Lins. Nenhum dos três se aproximou do velho Coelho Neto.

Linguagem, imaginação e subtilidades psicológicas ficaram muito aquém do insigne prosador do «Sertão».

A literatura tanto avança como recua. O que falei de Portugal e do Brasil também se pode aplicar a Espanha, França e Itália.

O cinema italiano, por exemplo, criou uma fama avassaladora, sem a menor razão que a justifique. A crítica comercial é que levou esse exagero até ao máximo, especialmente entre as classes falhas de cultura. O cinema francês, alemão, inglês e argentino, sem reclamos absurdos, vai singrando discretamente entre as classes conservadoras.

O Mundo não se modifica com os gritos da multidão nem com os horrores das guerras. A evolução é uma eterna ciência que avança por leis humanas e naturais...

Os algarvios vão acordar do seu torpor nostálgico para lerem uma obra saudável, na qual as suas grandes virtudes e os seus pequenos defeitos se esboçam em linhas suaves, acolhedoras, singularmente artísticas e fisiologicamente verdadeiras.

Marcos Algarve

FÉRIAS

PRIMEIROS PASSOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bra do toldo e fico absorto na contemplação do mar.

Tão grande, tão belo, tão majestoso.

Porque não vêm até junto dele os orgulhosos da Terra para reconhecerem a sua mesquinhez?

Não há como a verdadeira grandeza para nos fazer aquilatar da nossa insignificância.

Vermes que rojamos até aqui há quem queira isolar-se para mostrar que é grande.

Não sei se merecem um sorriso de piedade ou desdem.

Muitas crianças traquinam, chapejam na água, sorriem. Os seus sorrisos são estrelas que se abrem na nossa escuridão. Felizes os que sorriem sem que a maldade ou a amargura ponha um traço no seu sorriso.

As crianças! Nas suas mãos frágeis está o futuro da humanidade. Para que destinos as reservará Deus? Para ferir ou para suavizar, para amar ou para odiar, para ser homem ou para ser fera? Que sejam melhores do que nós.

Levanto-me; vou dar um passeio ao longo da praia, desentopecer as pernas, admirar as esculturas que por toda a areia se estendem.

Sinto calor; o vento esqueceu-se de aparecer ou anda por outros lados na sua missão de refrescar.

CONDICIONALISMO DA PROPRIEDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

brico inerente — traria o grau de prosperidade necessário ao aumento de nível do povo.

Para contrabalançar a escassez da mão-de-obra agrícola que da industrialização do Alentejo poderia resultar, haveria que aperfeiçoar a produção agrícola, não só de modo a torná-la mais intensa e lucrativa, como a facultar ao trabalhador uma vida menos árdua.

Não falamos de uma utopia porque os processos modernos de cultivo já muito nos deixaram ver das possibilidades e outros países, onde as condições podem considerar-se semelhantes e até piores, o homem do campo não é já o escravo de outros tempos, nem a terra tão madrasta como outrora E só assim se justifica que países como a Inglaterra, por exemplo, onde a indústria é a base fundamental da nação, a agricultura encontre ainda a mão-de-obra de que carece.

A resposta à primeira pergunta posta surge, portanto, do seguinte modo:

A pequena e a grande propriedade podem ter existência paralela e sem atritos e ambas podem redundar em riqueza para benefício do País, e quando dizemos do País, referimo-nos, evidentemente, a todos os portugueses. Hoje em dia, é quase insustentável a posição de canalizar para um só usufrutuário todos os benefícios em prejuízo do aglomerado que somos todos nós.

Para que ambas tenham existência paralela e valorativa, todavia, há que tornar as pequenas propriedades em grandes propriedades para que tenham condições desafogadas de vida e isso conseguir-se-á graças ao agrupamento cooperativo que poderá defender, em bloco, os legítimos interesses dos pequenos proprietários e facilitar-lhes o crédito e as alfaias e proporcionar-lhes, simultaneamente, a colocação dos produtos no mercado interno e externo, concorrendo de igual modo para uma justa estabilização de preços.

A grande propriedade terá que facilitar a melhoria do nível de vida da mão-de-obra que utiliza, por meio da instalação e do financiamento de indústrias transformadoras dos seus produtos e pela racionalização dos métodos de produção.

(Conclui no próximo número)

Visado pela Comissão de Censura

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Trindade e Lima